

NARRATIVAS EM CONTEXTOS: TEMPO, PANDEMIA E SER MULHER NA DOCÊNCIA

■ LUIZA ALVES DE OLIVEIRA

 <https://orcid.org/0000-0002-5974-3947>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

■ ADRIANA ALVES FERNANDES COSTA

 <https://orcid.org/0000-0003-2611-640X>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

■ JUACIARA BARROZO GOMES

 <https://orcid.org/0000-0003-3433-4132>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO

O texto dialoga sobre uma pesquisa qualitativa que trata sobre a constituição da humanidade da docência feminina no ensino superior, no contexto pandêmico e de crise política no Brasil no ano de 2020. Os dados formam um conjunto de três narrativas escritas por professoras que atuam em uma universidade pública, localizada na região da Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro. O conteúdo das escritas foi tratado via *software* MAXQDA a partir das codificações, relações e análises, e os resultados obtidos indicaram que as histórias escritas apresentam: a recorrência da constituição da mulher professora diante da imposição de um contexto pandêmico que se relaciona com um tempo híbrido e estranhado. As categorias analíticas, quando correlacionadas, elucidam uma humanidade – repertoriada e em estado de construção da docência em um espaço-tempo em suspensão.

Palavras-chave: Humanidade. Docência. Narrativas. Tempo. Ser mulher.

ABSTRACT

NARRATIVES IN CONTEXTS: TIME, PANDEMIC, AND BEING A WOMAN IN TEACHING

The present work discusses a qualitative research on how female teachers working in higher education are able to form a more humane education, in the context of a pandemic and political crisis in 2020 Brazil. The data form a set of three narratives written by women

professors who work at a public university, located in the Baixada Fluminense region, Rio de Janeiro state. The content of the writings was treated via MAXQDA software from the codings, relations, and analysis, and the results obtained indicated that the written stories present: the recurrence of the constitution of the woman teacher in the face of the imposition of a pandemic context that relates to a hybrid and estranged time. Analytical categories, when correlated, elucidate a humaneness - reunited and in construction of teaching in a suspended spacetime.

Keywords: Humanity. Teaching. Narratives. Time. Being a woman.

RESUMEN **NARRATIVAS EN CONTEXTOS: TIEMPO, PANDEMIA Y SER MUJER EN LA ENSEÑANZA**

El texto analiza una investigación cualitativa que se ocupa de la constitución de la humanidad de la enseñanza femenina en la educación superior en el contexto de la pandemia y la crisis política en Brasil en 2020. Los datos forman un conjunto de tres narrativas escritas por profesores que trabajan en una universidad pública, ubicada en la región de Baixada Fluminense, estado de Río de Janeiro. El contenido de los escritos fue tratado a través del software MAXQDA y se basó en las codificaciones, relaciones y análisis, y los resultados obtenidos indicaron que las historias escritas presentan: la recurrencia de la constitución de la mujer maestra frente a la imposición de un contexto pandémico que está relacionado con un tiempo híbrido y extraño. Las categorías analíticas, cuando están correlacionadas, aclaran a una humanidad - repertoriada y en estado de construcción de la enseñanza en un espacio-tiempo en suspensión.

Palabras clave: Humanidad. Enseñanza. Narrativas. Tiempo. Ser mujer.

Introdução

[...] não há barbárie que não se proteja com argumentos de elevada nobreza.
(DOWBOR, 2020)

A rigor, analisar as estruturas, contornos e efeitos da pandemia para a realidade dos povos implica lidar com conjecturas fadadas ao fracasso (SANTOS, 2020), contudo nosso esforço reflexivo se faz como movimento de aproximação de formas múltiplas de entendimentos. Nossa proposição acontece justamente como

possibilidades: de registro, de interpretação, mas principalmente como aporte coletivo que, no atual momento, busca construir diversos olhares sobre o que estamos experienciando enquanto humanidade. Decidimos, então, três professoras universitárias, na experiência de viver o contexto da pandemia, por escrever narrativas biográficas de nossos percursos individuais inscritos na coletividade e na densidade da história, pois admitimos que a

manipulação pessoal de referentes constrói subjetividades singulares na perspectiva de compreensão do singular/universal das histórias coletivas (SOUZA, 2007b).

O cenário pandêmico, no Brasil, acontece em um contínuo ambiente de crise política, econômica e ecológica. O agravamento da crise política, em especial, desde o ano de 2016, sob a instalação do golpe parlamentar, intensificou-se no governo Bolsonaro. Com o advento da crise sanitária, em 2020, a política governamental exercida, dentre outros aspectos, interpreta e qualifica as informações científicas, sobre as configurações do vírus, de forma acoplada aos fundamentos reacionários, anticientíficos, demagógicos e autoritários. Nessa caótica convergência de crises, destacamos três elementos que denotam cenários de incertezas e ruínas (de distintas naturezas) no interior da vida do povo brasileiro, a saber: a má gerência da condução de uma política nacional de trato e implicações requeridas pela propagação do covid-19 (sigla do inglês, *Coronavirus Disease 2019*) envolvida por duas trocas e a atual atuação interina de um ministro da saúde; a insuficiente distribuição de recursos de apoio financeiro emergencial à população para que esta tivesse condições estruturais mínimas de se proteger permanecendo em casa; e a inepta articulação de condução do trabalho com os governadores dos estados, no que tangeria a possíveis formas de melhor conduzir tamanha instabilidade. Indubitavelmente, uma pandemia arrasta e potencializa colapsos de distintas ordens e expõe a desigual e profunda histórica cadeia de relações entre os povos, portanto o surto viral expressa as formas desequilibradas e injustas de existir da humanidade.

Santos (2020) nos lembra que, etimologicamente falando, a palavra “pandemia” está ligada à ideia de povo. Esse aspecto nos impulsiona a refletir sobre os coletivos sociais mais

frágeis que, por sua vez, tendem a sucumbir defronte às ineficientes estruturas de tratamento da doença, posto que o neoliberalismo, revestido do capital financeiro improdutivo (DOWBOR, 2020), impõe suas arquiteturas devastadoras aos territórios pobres e, por essa condição, considerados invisíveis. Para esse contingente populacional, os serviços públicos e os direitos sociais são escassos ou inexistem, além de viverem à revelia do papel social do Estado que, sob as bases dos preceitos neoliberais, deveria ser cada vez mais diminuto. Portanto, a sociedade brasileira lida com vicissitudes graves e agudas cujas letalidades nos posiciona frente à barbárie de mortes causadas por um vírus que alveja nossos desafios de existência e, dessa forma, lidamos com uma adversidade que é essencialmente civilizatória (DOWBOR, 2020).

Assistimos a um filme que se repete dia a dia e, no momento em que escrevemos este texto, ultrapassamos mil mortes diárias, é como se três aviões comerciais (lotados) caíssem sobre nossas cabeças e todos os tripulantes morressem. São milhares de vidas que passam a vítimas, números de uma catástrofe que poderia ser pelo menos amenizada caso a vida humana contasse como importância e não como quantidade.

No que tange à educação como direito alienável de todo ser humano, a pandemia descerrou o impiedoso abismo das desigualdades materiais e culturais que assolam professores e estudantes de diferentes classes sociais e regiões brasileiras. Ao jogar luz sobre o que se mantinha escondido pelo falso discurso da universalização do ensino, evidenciou-se não só a precária estrutura das instituições de ensino para a “substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais” (BRASIL, 2020),¹ como também a ausência de políticas

¹ O Ministério da Educação publicou no *Diário Oficial da União*, em 18 de março de 2020, a Portaria nº 343

mais igualitárias de acesso aos meios e bens das novas tecnologias de informação e comunicação.

Fato inegável é que docentes e discentes (AZEVEDO, 2020) viram-se à mercê de exigências para o cumprimento de atividades por meios digitais e assim assegurar o processo burocrático de validação do ano letivo, sem que houvesse, por parte das políticas governamentais, ações efetivas para viabilizar meios de interação digital, fosse através da oferta de conexão de internet para todos e todas, ou mesmo distribuição de equipamentos tecnológicos – tablets, *notebooks*, computadores... – para os que mais necessitassem. Por consequência, o Brasil torna-se, ainda mais, um país marcado por uma histórica desigualdade social e econômica, mas também por um importante subdesenvolvimento digital.

Muitas questões podemos levantar nesse cenário de incertezas e barbárie, mas nos atemos a estabelecer diálogos e reflexões sobre nosso papel, como professoras universitárias que trabalham com/na educação, tanto na formação inicial, quanto na continuada de professores da Educação Básica em todas as suas etapas e modalidades, de forma a refletir sobre nossas narrativas como docentes de uma universidade pública localizada na região da Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. Para tanto, apoiamo-nos no potencial da escrita de si e das histórias de vida como aporte teórico-metodológico para a produção de pesquisa em educação (NÓVOA, 2000; CATANI *et alii*, 2003; JOSSO, 2004; SOUZA, 2006a, 2006b, 2007a; RIBEIRO; SOUZA, 2010; PASSEGI *et alii*, 2011).

Propomos um estudo tecido na análise de três escritos que se configuram para além de registros de ser professor em meio a uma crise

de 17 de março de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia de covid-19.

pandêmica, mas que se querem palavra dada a ler em outros sentidos. Logo, é com a “interpretação narrativa da realidade” (BRUNER, 2001) que objetivamos dialogar, pensar e (re) configurar o(s) sentido(s) da docência em meio à barbárie de sobreviver a um governo de extrema direita, conservador, de posições obscurantistas e que tem demonstrado negar a ciência, assim como a diversidade de ser/estar no mundo, características que se explicitam ainda mais diante do insuficiente investimento de combate a um vírus mortal e invisível.

Ameaçados todos nós, as três docentes narradoras-pesquisadoras-escritoras deste texto recorrem ao ato de narrar como quem viaja (BENJAMIN, 2018) em um presente incerto para dar sentido ao vivido e ao porvir de suas vidas. Por isso, nosso esforço foi de sentir e contar o que pulsa em meio a tantas ameaças e, para isso, organizamos este texto em três partes principais: a introdução, em que brevemente contextualizamos a pandemia de covid-19 no Brasil; a análise das três narrativas que produzimos enquanto professoras de ensino superior tendo como referência a constituição da docência em tempos de pandemia e isolamento social; e as considerações finais, em que nos esforçamos para, diante da síntese do produzido, tecer convergências, distanciamentos e recomendações sobre o tema.

Análise das narrativas

Ao concebermos esta investigação como predominantemente qualitativa composta pela análise, por intermédio do tratamento dos escritos via *software* MAXQDA, das três narrativas escritas, espelhamos textos desenvolvidos individualmente por nós no mês de abril de 2020, quando já estávamos afastadas fisicamente do ambiente da universidade. Assim nos compomos enquanto grupo: com idade entre 41 e 55 anos, brancas e negras, duas doutoras e uma

doutoranda em Educação, todas pesquisadoras envolvidas com o tema narrativas e integrantes da universidade pública desde 2014. Todas com experiências enquanto professoras atuantes na Educação Básica, em distintas modalidades educativas e implicadas com a formação docente, tanto inicial quanto continuada. Ademais, constituímos o quadro de um departamento que está voltado para a formação docente de todos os cursos de licenciatura ofertados na universidade em que atuamos.

Nosso procedimento metodológico foi, após a produção das narrativas individuais, inserir os escritos no *software* MAXQDA. O processo, no entanto, não se limitou a uma inserção das narrativas no dispositivo, mas por intermédio de exaustivas leituras das escritas de si, dialogadas e compartilhadas por chama-

das em vídeo durante três meses, propusemos a manusear os temas que nos pareciam mais recorrentes em suas formas evidentes ou implícitas. Especificamente, em duas dessas reuniões virtuais, dialogamos sobre o que nos pareciam, naquele momento, eixos temáticos, sendo que estes se confirmaram quando marcamos os indicadores e os codificamos no interior do *software*, pois os dispositivos relacionais deste – em suas formas quanti e qualitativa – nos permitiu maior estabilização da rigorosidade almejada, tanto do ponto de vista do conteúdo identificado, mas principalmente do potencial interpretativo que ali se despon-tava para nos aproximarmos do tema principal emanado por aquele encontro de narrativas. Sistematizamos esse movimento em forma do quadro abaixo.

Quadro 1 – Tratamento das três narrativas

| INDICADORES | CATEGORIA | CODIFICAÇÃO | REINCIDÊNCIAS E INDÍCIOS DE CODIFICAÇÕES NOS DISCURSOS EM % |
|---------------------------------------|-----------|-------------|---|
| Imposição do tempo presente e memória | Tempo | TM | 33,8% |
| A mulher e a docência | Docência | MD | 41,7% |
| Cenário pandêmico | Pandemia | PA | 23,5% |

Fonte: elaborado pelas autoras, 2020.

Os discursos das narrativas, quando assim organizados por indicadores, categorias e codificados a partir de reincidências e indícios, expunham, em sua totalidade, a constituição da humanidade da docência no contexto pandêmico, uma vez que a crise viral se impôs como um tempo desconhecido e no qual as atividades cotidianas e de exercício profissional demandavam outras (re)configurações. Logo, as palavras narradas se revelavam a nós, professoras e mulheres, e exprimiam nossas existências atravessadas por tempos que se impunham de modo estranhado, em um caó-

tico cenário ameaçador da vida humana. A emergência desse novo tempo nos possibilitou experienciar outros tempos e versões de ser mulher e docente. Estávamos face a face conosco, com o que conseguimos ser em nossas histórias até então, e encontrávamos uma humanidade professoral em seu sentido mais radical, o de ensinar e aprender com o(s) outro(s) mesmo quando este(s) não se encontra(m) fisicamente diante de nós. Assim, as leituras e compreensões de ser/estar professora-mulher se atestavam nos indicadores e categorias de análise, mas principalmente potencializavam

as escritas de si como construções de vidas interrompidas em seu curso progressivo e identificável para que outro trajeto se impusesse com as medidas de isolamento social.

Portanto, a docência se constituiu atrelada aos afazeres domésticos, marcadamente destinado às mulheres em nossa sociedade, e compôs outras versões de ser mulher professora. Daí, as narrativas irrompem como esforço de deslocamento, criação de um excedente de visão (BAKHTIN, 2003) e compreensão de uma nova realidade. Nesse movimento exotópico, optamos por desvelar ao leitor a sequência das categorias que mais nos pareceu pertinente: primeiro, o novo ambiente viral; depois, o tempo híbrido e estranhado; e, por conseguinte, a mulher professora que se faz nessa conjectura. Ainda, para dar forma à experiência vivida, partimos em busca de contadoras de histórias, mulheres representantes de uma forma especial de escrever e dar sentido à vida através da literatura – Clarice Lispector, Carolina de Jesus e Nísia Floresta – para figurarem como codinomes na autoria de nossas histórias. Dessa forma, não só o anonimato das autoras-narradoras-pesquisadoras seria resguardado provisoriamente, mas também inscreveríamos as referências de cada escritora consagrada em nossas histórias de vida.

Isso posto, passamos a discorrer sobre a categoria do contexto pandêmico que se impõe e rompe o curso das três histórias de vida aqui analisadas.

O contexto pandêmico

O mistério do destino humano é que somos fatais, mas temos a liberdade de cumprir ou não o nosso fatal: de nós depende realizarmos o nosso destino fatal. (LISPECTOR, 1998).

A pandemia que acometeu as vidas humanas impôs (re)configurações de ser e estar no mundo na relação com o outro e com o tempo

-espaço. Se aprenderemos algo com a pandemia, não há como afirmar ainda (SANTOS, 2020), contudo concordamos que a experiência do vírus no presente não será história apagada em um futuro próximo. Tal afirmação encontra-se registrada não somente como categoria de análise presente em 23,5% das narrativas das três professoras universitárias (de acordo com o software MAXQDA), mas também como acontecimento, essencialidade única, unitária, geograficamente localizada, da ordem do humano, que nele e na natureza interfere (BAKHTIN, 2003).

Ao narrarem de si durante uma crise pandêmica, as três docentes universitárias, Carolina de Jesus, Nísia Floresta e Clarice Lispector, registram acontecimentos em sua essência, negociam sentidos de ser mulher e professora que cumpre o isolamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e assume as consequências de um novo comportamento social. Assim, as escritas potencializam histórias de vida porque todas elas importam, não só pela ameaça da crise viral, mas também por conta da materialização das várias formas de escrita pessoal e da atribuição de significado histórico (BURDIEL, 2014) para cada uma das professoras-narradoras.

No acontecimento único da escrita narrativa, as histórias sobre docência em tempos de pandemia, mais do que vivência, configura-se experiência (BENJAMIN, 2018). É como se a materialidade das palavras ecoasse as vozes de três docentes em sentidos de medo, angústia, dúvida, incertezas, movimento que parece tornar transparente a finitude e a vulnerabilidade humanas, constantemente apagadas por uma sociedade imediatista, sujeitada à versão cruel e dominante do capitalismo. Santos (2020, p. 7) descreve a tragédia do covid-19 como uma alternativa para nos reconhecermos mais solidários no isolamento, em atitude responsável com os outros e conosco, já que a pandemia abrange todo o povo.

[...] sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. Não serão possíveis outras?

Uma resposta possível à pergunta de Santos (2020) talvez seja a busca por preservar as histórias que (nos) contam(os), mesmo que o ato de escrevê-las seja penoso nesse momento. Preparamo-nos para resistir e sobreviver ao vírus e à desumanização com a potência das palavras capazes de contar histórias, mesmo que o fato de não sabermos o que nos acontece seja uma forma de sabedoria transmissível. Para melhor expor essa ideia, recorreremos ao que escreve Clarice Lispector em sua narrativa:

A história que escrevo, essa mesma, começa tropeçando em aflições e dubiedades desse momento de isolamento social. Resolvo, então, agarrar-me a escassas palavras e frases que vêm à compreensão limitada do que vivo e sinto. Minha escrita encontra resistência para atravessar a garganta em nó e fica sem saber ao certo como a mulher, mãe, irmã, amiga, professora e outras em mim, podem romper a angústia que aperta o peito. Busquei, incessantemente, outra palavra que coubesse no meu sentimento, mas o que sei desse labirinto pandêmico é que uma dor imensa me sufoca desde que a realidade de um vírus tão letal se fez ameaça presente. [...]

Mas a angústia, companheira de tempos sem abraços, de supressão de toques e presenças calorosas, sufoca e estreita meu pensar-escrever. Impõe obstáculos para que outras palavras me saltem de dentro. (Trecho da narrativa de Clarice Lispector).

A angústia lancinante de escrever em meio à ameaça de morte esmaga o desejo de se colocar no papel o que acontece, transforma formas de viver em isolamento social. As metáforas

para o que se sente – garganta em nó, labirinto pandêmico – convergem para o campo semântico de um saber desconhecido, aflitivo, de sufocantes incertezas e que torna evidente a fragilidade de nossa humanidade.

O mundo desconhecido de 2020 raciona espaços e tempos e instaura a barbárie. Sim, a pandemia tornou mais bárbaros aqueles que ainda podem se arranjar isolados em moradias, ter acesso a álcool em gel e máscaras. Mas a barbárie não é novidade entre nós. Ao contrário, poucos ainda se sentem responsáveis pelo tanto que são excluídos de direitos, marginalizados pela exploração da vida humana em prol da concentração de riquezas nas mãos de uma restrita elite opressora. É na constatação da barbárie (re)novada pelo surto viral que Carolina de Jesus, professora e sujeito desta pesquisa, conta sua experiência:

É 2020 e o mundo parece não ser mais aquele conhecido de sempre. Falo de um tempo presente de espera. O espaço de vida está racionado, só podemos estar em casa. Ironicamente, o povo – privado de moradia – precisa estar em domicílios. [...]

Parece que estamos na presença da barbárie. Ela está aqui, no mundo. Agora. Mas, sempre esteve. [...]

Uma colisão improvável, aos meus ingênuos olhos, se produziu: uma pandemia + um desacertado governo. Universidades atacadas. Pobres em situação de convencimento de ocupação de seus determinados lugares sociais. Um cenário de horror. Um cenário de horror porque muitas pessoas estão morrendo sem a devida rede de proteção social que deveria existir para todos os brasileiros. (Trecho da narrativa de Carolina de Jesus).

Pelas palavras da narradora, identificamos ensaios de compreensão diante do fato de, sem a devida proteção social, brasileiros sucumbem a um vírus mortal e a suas consequências, além do evidente negacionismo do governo “desacertado” que acarreta o aban-

dono daqueles que mais precisam de atenção e cuidados. Quanto mais a pandemia torna transparente as desigualdades, muito mais discursos falaciosos e distratores dos que apoiam os ideais bolsonaristas são disseminados, de forma a perpetuar incertezas e tornar incapaz a apreensão dos fatos reais. Mas ainda fica a dúvida do que a pandemia nos permite aprender, avaliar, interpretar dessa realidade opaca e hermética (SANTOS, 2020).

Face a esse esforço de compreensão, dialogamos com Santos (2020, p. 10) quando afirma que “o sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível.” e é neste temor, do que não podemos ver, que sentimos a ameaça da nossa existência e recorreremos a formas possíveis de preservar a vida em um ritual contínuo: álcool gel, água sanitária, luvas, máscaras e notícias. Esse hábito que parece se instaurar entre nós é contado pela professora Nísia Floresta que dialoga em um sentido mais coletivo de preservação da existência humana, assim como da valorização da nossa humanidade, embora o capitalismo teime em nos individualizar e nos apartar do que nos aproxima enquanto sujeitos que habitam o mesmo planeta.

Fui convidada a escrever minha narrativa sobre ser docente no ensino superior e estar em isolamento social em virtude da pandemia que se espalhou pelo mundo. [...] Paro e reflito sobre a minha existência e sobre todas as existências que no momento estão ameaçadas por esse vírus. Em meio a álcool gel, água sanitária, luvas, máscaras e notícias, muitas notícias, vou tentando compor o atual tecido da minha existência. [...]

Ao longe, ouço as notícias sobre a situação mundial, impossível não traçar um paralelo e pensar também na expansão do vírus e suas consequências. Não consigo continuar, penso na existência das pessoas; penso na existência daqueles que estão trabalhando nos hospitais; penso na existência daqueles que estão nas

ruas trabalhando para que eu possa ficar em casa; penso nos meus alunos e nas dificuldades que eventualmente eles possam estar enfrentando; penso que, nesse momento, precisamos ter uma responsabilidade ainda maior com os ‘outros’. Não basta eu cuidar de mim, preciso também cuidar do outro, ter responsabilidade com minhas atitudes para não prejudicar o próximo ou mesmo o distante. Tudo isso só me leva a pensar exaustivamente no sentido que damos a nossas existências nesse momento tão ameaçador. (Trecho da narrativa de Nísia Floresta).

Com forma privilegiada de dar a conhecer a experiência, a narradora Nísia Floresta nos envolve em sua existência, não apenas de forma subjetiva, mas imersa em um sentido de coletividade que se transparece quando ela se reporta às existências: dos que continuam a trabalhar fora de casa para manter o essencial funcionamento da sociedade e daqueles excluídos socialmente de direitos básicos de sobrevivência, como moradia, saúde, educação. Trata-se de um discurso de uma humanidade que insiste em se instaurar por intermédio da narrativa que parece não ter reverberação fora da relação com o(s) outro(s) que (re)existem em nós.

Como o contador de histórias de Walter Benjamin (2018), as três docentes universitárias materializam, em palavras, possíveis e plurais sentidos humanos em suas vidas, como um pavio que queima e faz arder a vitalidade contida no ato de narrar, esta agora configurada pelo tempo como uma categoria analítica que permeou, de modo expressivo, as escritas.

O tempo

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer.

...Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? (JESUS, 2014).

O tempo é o nosso patrimônio social e constitui o processo civilizador da humani-

dade (ELIAS, 1998), além de mediar as nossas relações com a natureza, conosco e com os outros. Enquanto sociedade, no decorrer da história, utilizamos distintos instrumentos de medição: desde os movimentos do sol, da lua, das estrelas até calendários, ampulhetas, relógios, agendas e assim configuramos dispositivos, cada vez mais plurais, de mediação da díade conceitual espaço-tempo. Ademais, nossa forma de existir no mundo se modifica, ao sofrer alterações, a depender de onde e de quando estamos, pois “[...] toda mudança no ‘espaço’ é uma mudança no ‘tempo’ e toda mudança no ‘tempo’ é uma mudança no ‘espaço.’” (ELIAS, 1998, p.81). Portanto, trata-se de elementos orientadores de existências humanas. Assim, embora sejamos seres no/do tempo-espaço, configuramos estéticas plurais de nos relacionarmos com ele, de modo que podemos estranhá-lo no âmbito de uma aparente intimidade que construímos, dimensões evidenciadas nas narrativas das três professoras.

É 2020 e o mundo parece não ser mais aquele conhecido de sempre. Falo de um tempo presente de espera. O espaço de vida está racionalizado, só podemos estar em casa. Ironicamente, o povo – privado de moradia – precisa estar em domicílios. (Trecho da narrativa de Carolina de Jesus).

Da rotina da casa, universidade, pesquisa, família, atividades sociais, fins de semana, momentos de descanso, pouca coisa sobrou. Estou aprendendo a conviver com tudo isso junto, em um único lugar. É uma nova existência [...] A noite chega. (Trecho da narrativa de Nísia Floresta).

Mas a angústia, companheira de tempos sem abraços, de supressão de toques e presenças calorosas, sufoca e estreita meu pensar-escrever. Impõe obstáculos para que outras palavras me saltem de dentro. O engasgo chega a tal ponto que a escrita se perde, ausenta-se e me faz necessitar do tempo. Tempo, tempo, tempo, ‘senhor dos destinos’, como canta Caetano. Sim, paralisei por dois dias e só depois de dar tempo ao tempo consegui retomar a es-

critura de mim mesma. (Trecho da narrativa de Clarice Lispector).

Esse tempo, que se coloca como espera, estranho e paralisante no interior da rotina dimensionada como “nova/outra existência”, se apresenta insistentemente e problematiza a indissociabilidade existente entre o tempo social (tempo interno à sociedade) e o físico (tempo interno à natureza) (ELIAS, 1990). Isso porque a integralidade que possuímos com o mundo em que habitamos parece se impor como reflexão, já que “[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade.” (KRENAK, 2019, p. 16). Embora tempo físico e tempo social sejam intrínsecos, a relação humana com estes tem se constituído de forma cada vez mais apartada, visto que nos distanciamos de experiências coletivas e igualitárias enquanto comunidade planetária. Não em vão, as escritas das narrativas denotam encadeamentos de uma miscelânea de atividades e sentimentos atravessados por um marcador natural “A noite chega”, como disse Nísia Floresta. Dessa maneira, “ser-no-tempo” é a forma temporal de “ser-no-mundo” e “ser-no” significa “ser-junto”, “junto das coisas do mundo” (RICOUER, 1996, p. 394), ou seja, ser no/com o tempo e o mundo remete aos modos como ocupamos os espaços, como nos relacionamos enquanto sociedade, mas também como habitamos da Terra.

No que tange ao modo como nos organizamos socialmente, com base nos princípios neoliberais, o trabalho se impõe e ocupa demasiadamente o tempo da vida, de modo que as camadas sociais mais empobrecidas são conduzidas a ceder parte significativa do decorrer de suas existências em detrimento do enriquecimento de reduzidos grupos que acumulam e dominam o capital. O tempo é, nessa perspectiva, usufruído de forma distinta, a

depende da classe social a qual o indivíduo está situado, sendo mercantilizado e concebido no interior de uma linguagem de consumo, “ganhar tempo, perder tempo, usar tempo”, esvaziada de sentido de vida e de viver em sociedade. Formamo-nos no bojo desses fundamentos e, enquanto professoras e professores, lidamos com tantos outros tempos: do planejamento, das aulas, das aprendizagens, das reuniões, de estudos. Agimos e somos regulados nesse e por esse conjunto temporal, que também experienciamos ao narrar.

As histórias contadas pelas docentes também manifestam em episódios de atos de rememoração: de pessoas sinalizadas como referências em seus trajetos formativos e de fragmentos de revisitação de si.

Repetidamente, viver se mostra tão complexo e repleto de distâncias. Dedico-me a estabelecer mais proximidades e desembainho mais um fio do texto que conto. Por ora, na fração do tempo de escrita, atento ao quanto sempre estivemos ligados, uns aos outros, com fios invisíveis e embaraços. Logo, entre lonjuras, busco fortalecer os laços e bordar histórias de (en)cantar. É nessa hora que meu vô José invade minha frágil memória diante das urgências que fazem meus dias. Aquele homem, que carregava as marcas do tempo em seu rosto, com cabelos brancos bem fininhos, trazia nas mãos muitas experiências, sustentos e estripulias que me ensinaram a ser e querer contar. O desejo e a saudade me fazem imaginar e compor um pequeno livro infantil sobre o ofício de narrar [...] Assim foi: isso tudo, bem misturado e temperado, me fez contar. (Trecho da narrativa de Clarice Lispector).

Em meio a álcool gel, água sanitária, luvas, máscaras e notícias, muitas notícias, vou tentando compor o atual tecido da minha existência. O painel existencial é composto de muitos cenários. Penso no meu valor absoluto e no meu valor relativo – acho que aprendi isso, nas séries iniciais, lá com a Dona Heloisa, minha professora na escola primária. Meu valor absoluto, ‘pessoa humana’ dotada de razão e emoção, com RG, CPF, passaporte, sexo feminino, parda... Meu

valor relativo: mãe, avó, irmã, esposa, amiga, sogra, professora, líder de uma instituição religiosa... O painel vai sendo tecido, com a mistura dos valores absolutos e relativos. (Trecho da narrativa de Nísia Floresta).

A escola pública às vezes acolhe, às vezes afasta. Ela está no mundo, diferente dele não seria. Mas, às vezes, ela salva. Comigo foi assim. E assim ainda é, com a grande maioria das professoras da classe trabalhadora que conheci. Viveiram a escola, se fizeram professoras e para lá regressaram para trabalhar. Eu teimeei, tive um pouco de sorte e me tornei professora na universidade pública, num momento singular de expansão do ensino superior público no Brasil. Nesses tempos, a histórica desigualdade social, nesse país, vivia um tímido estado de arrego. Foi o que me permitiu ser professora universitária. Foi o que permitiu muitos pobres, pretos, indígenas, e toda gente não suportada pela elite brasileira, estar na universidade. (Trecho da narrativa de Carolina de Jesus).

Tais capturas visitam memórias instigadas pelo contexto do narrar no presente, mas também neste presente identificamos um passado intencionado (BENJAMIN, 2018). Outrossim, as palavras se configuram como uma presentificação episódica nas escritas produzidas pelas professoras. Posicionamo-nos em diálogo com Agostinho (2019, p. 227) para melhor interpretar esse evento, uma vez que para ele apenas existiriam “o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro”. Estes estariam nas almas humanas e assim “o presente do passado é a memória; o presente do presente é a visão; e o presente do futuro é a expectativa.” (AGOSTINHO, 2019, p. 227). Ao nos reportarmos à tal compreensão, reconhecemos aspectos que nos são caros e vitais enquanto humanos: a memória, a visão e a expectativa, que se encontram em estado de ameaça diante da letalidade do surto viral do coronavírus, sendo o tempo presente então marcado pela clarificação de uma proximidade de finitude da vida. Ainda com base

na perspectiva agostianiana, o tempo seria medido em nossa mente, no presente, através das impressões que as coisas deixam em nós. À vista disso, as narrativas desenvolvidas no contexto pandêmico são diretamente afetadas pelo isolamento social, pois há um tempo de pandemia, de adoecimento de uma grande parte da população mundial. Por conseguinte, as relações sociais e as subjetividades são tecidas e forjadas na produção desses novos modos de vida, uma vez que estamos vivendo o tempo do isolamento, o tempo da solidão, o tempo do adoecimento, o tempo do medo, o tempo híbrido, o tempo da reflexão, o tempo da preocupação pela sobrevivência, o tempo do aumento da pobreza, o tempo de algumas possíveis alegrias: em casa, misturamos todos esses tempos com o trabalho profissional, afazeres domésticos e um (ou nenhum) determinado ócio. Portanto, as narrativas das professoras nos conduzem a pensar que estamos re-inventando a nossa relação com esses tantos tempos.

A mulher e a docência

Armas há poderosas, que a mulher
Deve empregar com ânimo bastante;
São a doce bondade, a paciência,
A modesta ternura, a fé constante.
(FLORESTA, 1845).

Vivemos, como já afirmamos, a ameaça de um vírus mortal em um tempo que se faz desconhecido, híbrido, presente em episódios de ser/estar mulher na docência. Na continuidade do nosso esforço em identificar e analisar as categorias presentes nas três histórias, destacamos, por último, a relação da mulher com a atividade docente concebendo-a enquanto uma construção histórica de/em nossa sociedade. Assim, optamos por dialogar com Pra e Cegatti (2016) e Louro (2004), pois, em seus trabalhos, encontramos um relevante aprofun-

damento sobre a questão da feminização do magistério. Além deles, também Josso (2007) nos ajudou a pensar sobre a potencialidade da narrativa no processo da transformação de si, além da reflexão sobre a nossa existencialidade, bem como Arroyo (2000) nos trouxe uma importante elucidação sobre a necessidade da humana docência.

No âmbito da constituição da profissionalidade do magistério, a história de nossa sociedade revela que, de modo geral, sempre houve uma nítida divisão entre as tarefas profissionais e domésticas atribuídas a homens e mulheres. Para os homens, estavam destinadas as tarefas públicas e para as mulheres as tarefas privadas, do lar. Com as diferentes revoluções sociais e culturais, esse quadro foi se alterando e a mulher passou a ocupar distintos espaços de trabalho. No entanto, na maioria das vezes, elas não se distanciaram dos afazeres do lar, apenas acumularam as diferentes funções. Nesse sentido, Prá e Cegatti (2016, p. 215) afirmam que

[...] as demandas das mulheres por acesso à educação e ao mercado laboral exigiram delas enfrentar o desafio de reservar algum lugar às tradicionais obrigações femininas derivadas da maternidade, das funções domésticas e das tarefas de cuidado.

Assim, o magistério foi visto, por muito tempo, como um ofício que possibilitava um alinhamento das duas esferas da vida feminina: a pública e a privada. Embora tenham sido os homens que iniciaram a atividade docente em nosso país, historicamente as mulheres foram ocupando cada vez mais esse espaço.

A partir das diversas revoluções femininas, do avanço tecnológico e das grandes mudanças no mundo do trabalho, a docência foi deixando de ser “a escolha do possível” e “do destino”, para ocupar o lugar da escolha profissional comprometida com a mudança e com a humanização de nossa sociedade. Para

Louro (2004), as mulheres professoras foram incorporando, em suas práticas e subjetividades, as mudanças sociais.

No entanto, apesar de todos os avanços, o novo contexto de trabalho, oriundo da pandemia, inverteu a ordem histórica e trouxe o público para ser exercido no privado. É o que nos revela as narrativas dessas mulheres professoras.

A imagem que me revisita, insistentemente, é a de professora. De muitas, as professoras. Em casa, convivem com os seus: lavam, passam roupa, cozinham. Em casa, experimentam sentimentos pouco visitados. Em casa, operam outros modos de vida. Em casa, precisam fazer docência. São arrastadas para canais de comunicação para ensinar com distância. Sim: com distância. A distância as convoca a comprovar aulas que pouco acontecerão, embora possam ser planejadas, visualizadas, registradas e até avaliadas. (Trecho da narrativa de Carolina de Jesus).

Preciso dar conta de minhas tarefas acadêmicas, preciso continuar produzindo, preciso dar prosseguimento à minha pesquisa de doutorado, mas agora também preciso cuidar, limpar, cozinhar, lavar. Como alinhar tudo isso? (Trecho da narrativa de Nísia Floresta).

Ah! Lembrei-me de lavar a roupa e não posso esquecer de entrar no Sistema Acadêmico para conferir a situação da matrícula de um orientando meu. (Trecho da narrativa de Clarice Lispector).

É possível perceber que as três professoras embaralham o fazer doméstico com o fazer profissional em virtude do novo contexto imposto. O que antes era vivido no espaço da universidade, passa a ser vivenciado no interior da família. Concordamos com Louro (2004, p. 477) quando diz que “elas articulam em suas práticas toda a história da atividade docente e de suas vivências como sujeito feminino [...]”. Em seus escritos, elas colocam em jogo suas próprias identidades profissionais relativamente estáveis, refletindo sobre as mudanças

e rupturas que o momento impõe. Nesse sentido, Josso (2007, p. 416) afirma que

[...] é por essa razão que essas identidades, num constante vir-a-ser, manifestações de nossas existencialidades em movimento, são em certos períodos históricos mais fortemente atingidas pelos efeitos desestruturadores de mudanças sociais, econômicas e/ou políticas.

Mas regressamos ao encadeamento discursivo das narrativas que se apresenta como inteireza.

Lembro que preciso colocar a roupa na máquina e pensar no almoço, mas preciso também ler aquele e-mail que a universidade encaminhou sobre a necessidade da implementação do trabalho remoto. Dou uma parada na limpeza e leio o e-mail. (Trecho da narrativa de Nísia Floresta).

Lembro-me do nome do autor de um texto para indicar a outro aluno. Paro um instante diante da pia cheia de louça e anoto a lembrança, pois a memória parece não dar conta do tempo que o tempo me dá. (Trecho da narrativa de Clarice Lispector).

Ensaio rotinas outras de operar a vida: durante a noite, leio Benjamin, assisto séries e limpo a casa, lavo, limpo tudo que é urgente, como fazem as outras professoras que, antagonicamente, vivem esse estado que parece irreal. (Trecho da narrativa de Carolina de Jesus).

As narrativas apontam para um contexto inverso ao que a história nos ensinou. Se anteriormente as mulheres buscaram a docência para articular o trabalho fora de casa com as tarefas domésticas, nesse contexto pandêmico, o trabalho rompe com a lógica historicamente imposta e adentra o espaço familiar ocupando o lugar privado da família. Entendemos que essa intersecção provoca uma mutação da própria identidade dessas mulheres professoras, que singularizam suas subjetividades nesse contexto de dúvidas, incertezas, medos e preocupações com o novo arranjo que será necessário para o exercício dos seus ofícios.

Preciso pensar que tudo vai passar e poderei voltar aos meus alunos e alunas, entre sorrisos, abraços e afetos. Dentre tudo que venho pensando e planejando, poucas certezas, mas uma delas é incontestável: as aulas não serão como antes, já que seremos outros entre nós. Teremos que reinventar outro espaço-tempo de conhecimento na universidade e isso sim me faz esperar, já que algumas coisas estavam mesmo ‘fora do lugar’. (Trecho da narrativa de Clarice Lispector)

Insisto. Insisto mais do que posso e consigo. Em minutos, serei professora universitária cheia de esperança e força. Ultrapassando as 40 horas de trabalho que me são pagas. Trabalho, horas e horas a fio, todos os dias da semana. Canso. Descanso. Assim vivo face a face com a barbárie. (Trecho da narrativa de Carolina de Jesus).

[...] penso nos meus alunos e nas dificuldades que eventualmente eles possam estar enfrentando; penso que, nesse momento, precisamos ter uma responsabilidade ainda maior com os outros. (Trecho da narrativa de Nísia Floresta).

As professoras narradoras nos revelam as condições humanas do exercício da docência nesse novo tempo. Em seus textos, ficam expressas suas ideias e crenças sobre as relações tecidas com seus alunos, revelando uma preocupação com a prática laboral que tem o “outro” como foco do olhar e do fazer. Terminamos essa seção dialogando com Arroyo (2000) que nos diz que nosso ofício é tenso porque se situa nesse fogo cruzado que sempre se deu em torno de projetos de sociedade e onde aflora nosso compromisso com o destino de seres humanos e da sociedade.

Articulações em contextos possíveis: pandemia, tempo, mulher e docência

As quatro categorias analíticas abordadas: o contexto pandêmico, o tempo, a mulher e a docência nos remetem à constituição da humanidade do ser/estar professora no ensino

superior, isso porque se constituem como elementos estruturantes de existência no mundo, além de comporem a formação e o trabalho docente de modo especial nesse momento. O tempo e o espaço se destacam como importantes influenciadores das mulheres professoras que, ao narrarem suas histórias, relacionam formas de pensar e de contar o que vivem. A partir de então, qual humanidade docente se configura?

Uma humanidade que manifesta desejo por continuar existindo, em sua forma inacabada e incerta, além de se expressar através de narrativas que se encontram. Então, o ato de narrar se tece na continuidade da história dos seres humanos como um elo que não apenas vincula saberes das experiências, mas também conecta a vitalidade. Entretanto, nos reportamos ainda a uma humanidade que se tece pela docência e que, portanto, lida com os conhecimentos que produzimos ao longo do tempo: nossa matéria-prima humana que potencializa formas mais longevas e confortáveis de ser e estar. Assim, o contexto pandêmico afeta o que nos é caro: a vitalidade e o conhecimento que são ameaçados de continuidade, já que delimita espaços, tempos e relações, ademais “ensinar é uma especificidade humana” (FREIRE, 1996, p. 102).

Em prosseguimento a essas relações tecidas, também identificamos um relevante exercício de assim se fazer humanidade, em estado de afastamento físico com outros seres humanos. Um aparente paradoxo visto que ainda resiste, existe e reduz contatos físicos e crescentes interações virtuais. De uma forma por nós ainda desconhecida, é como se a constituição coletiva, implicada e responsiva de existência, não se manifestasse no indivíduo tal como sempre o concebemos, mas na relação de incompletude que nos conduz a requerer a existência de outros – ainda não desvendados – em nós.

Assim, também as histórias de vidas narradas se fazem tecido em tempos-espacos deslocados de um percurso previsível, em que as ausências se fazem necessidade e saudade tão mais humanas. Existiria algo tão mais humano do que a saudade, sentimento de ausências até do que já não tínhamos mais? As narrativas nos contam:

Ultrapasso as linhas tortas e costuro-as enviesadas para que não só de angústia e estreitas malhas se faça meu tecido. Sinto que os fios entrelaçam uma trama que, ao menos, se quer coberta para aquecer a alma que tanto sente falta dos encontros cotidianos e, antes, aparentemente desimportantes. (Trecho da narrativa de Clarice Lispector).

Da rotina da casa, universidade, pesquisa, família, atividades sociais, fins de semana, momentos de descanso, pouca coisa sobrou. Estou aprendendo a conviver com tudo isso junto, em um único lugar. É uma nova existência. (Trecho da narrativa de Nísia Floresta).

Todos nós estamos remotos de nós mesmos, há tempos. [...] Afastados, tão somente outras aulas parecem ser possíveis: nosso currículo problematizará o domínio mortal do capital em nossas vidas? (Trecho da narrativa de Carolina de Jesus).

Em diálogo com as palavras escritas, identificamos ausências, novas aprendizagens, reflexões sobre o tanto de distância que o domínio do capital financeiro estabelece e que repentinamente é desanuviado pela pandemia. São histórias que materializam formas particulares de compreensão e que inscrevem a necessária humanização dos sujeitos nos processos educativos, principalmente quando quem conta são professoras universitárias formadoras de professores, e essas narrativas, em formas de pensamentos/ações/relações, constituem a formação de outros docentes.

Ainda ressaltamos que a análise das narrativas não se pretendeu determinar sujeitos em estado de prontidão humana, muito pelo con-

trário: nos voltamos à aproximação de histórias e, ao conectá-las, ensaiamos movimentos de compreensão de humanidades inacabadas e prenes de desejos de vida, em “novo tempo”, revestido, no mundo contemporâneo, de um “presentismo do presente” (HARTOG, 2019) que insiste em nos dominar. Esse movimento narrativo nos pareceu se instituir à revelia das docentes, uma vez que decidiram narrar a partir de um desejo constitutivo de estudos e de pesquisas. Porém, tal propósito, que não se apresentava como demanda *a priori* diante dos seus afazeres, se faz presente como um desejo de participação do contar da história vivida em sua complexa trama constitutiva de humanidades.

Considerações finais

A proposta de construção deste artigo alicerçou-se no desejo de refletir sobre a constituição da humanidade da docência feminina no ensino superior, durante o surto viral do covid-19 e da crise política, no Brasil, no ano de 2020. Para esse fim, tratou de analisar três narrativas biográficas como compreensões pessoais sobre a pandemia, o tempo e a mulher na docência, com o auxílio do *software* MAXQDA. Ao elencar tais quatro categorias, apostamos numa abordagem que possibilitaria, através da centralidade dos sujeitos (professoras-narradoras), produzir um conhecimento para além da subjetividade e da singularidade, mas como apropriações de experiências vividas em relação com a coletividade acometida por um vírus mortal.

No momento em que nossas existências se encontram profundamente ameaçadas pela pandemia, pelas decisões políticas e mesmo pelo isolamento social, vivemos, em nosso país, um contexto no qual constantemente estamos sendo desumanizados. Todos nós, em alguma medida, estamos vivendo essa condi-

ção. Todavia, os oprimidos (se tomarmos uma perspectiva freireana) ou os vencidos (na interpretação benjaminiana) sofrem com mais abandono, com mais violação de direitos. Assim, entendemos que há um genocídio em curso no Brasil, em especial com aqueles que são desprezados, miseravelmente abandonados, e tal desconsideração se revela como desumana. No entanto, aqui cabe uma indagação: o que nos torna humanos? Em nossa perspectiva, somos humanos porque possuímos uma história, porque tecemos relações afetivas, éticas e responsáveis, mas também porque nos condicionamos, como nos diz Arendt (2014, p. 10) “a condição humana compreende mais que as condições sob as quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados, porque tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência.”. Entendemos, assim, que os homens criam as condições para sua existência e isso nos remete a pensar que a humanização está intimamente ligada à capacidade (desenvolvida e intencionada) criativa e relacional. Nossas narrativas revelam que a condição de nossas existências está intimamente ligada à forma como percebemos a importância do outro em nossas vidas e de como significamos nossas relações e nossas ações, pois

[...] hoje a vida e suas diferentes formas são cindidas pelo esfacelamento quase generalizado entre vida pessoal e vida profissional, vida privada e vida pública, vida social e vida familiar e mesmo vida e morte, vida passada e vida futura. Além das respostas teóricas de caráter mais geral, cada um e cada pessoa para sobreviver é obrigado a tratar pessoalmente dessa questão praticamente, prosaicamente, cotidianamente e em cada idade: como viver [...] com, contra ou sem a vida dos outros? (PINEAU, 2006, p. 42).

O ato de narrar nosso cotidiano, nesse momento aflitivo, configurou-se como possibilidade ímpar de refletirmos sobre nosso fazer,

nossa autoconsciência, nosso voltar-se para nós mesmas para pensarmos no outro. Mas também uma oportunidade de falarmos de um contexto, de um tempo, de uma forma outra de resistir a tudo que nos ameaça, incomoda, nos anula e nos cala, em diálogo Pineau (2006), escrevemos nossas histórias para ganhar vida, ou pelo menos para lutar por ela.

As três narrativas clarificaram os sentidos atribuídos à nossa existência, a forma como compreendemos nosso contexto, nosso ofício, nosso tempo, nossa interpretação particular da realidade. Assim também, em Josso (2007), pensamos no significado de nossa existência no singular e no plural, na perspectiva do que ela denomina de

[...] auto-retratos dinâmicos, construídos, como se sabe, numa dialética de elaboração e de análise feita de momentos individuais e em grupo, permitem progressivamente evidenciar as dinâmicas dos processos de formação de nossa existencialidade. (JOSSE, 2007, p. 422).

Finalmente, reportamo-nos às limitações e recomendações do trabalho abordado e destacamos que a principal circunscrição reside na dimensão relacional no que diz respeito às narrativas produzidas e analisadas. Isso porque, ao considerarmos as indicações do volume de caracteres que nos é permitido, elencamos autores e fragmentos que nos pareciam mais apropriados para a composição do texto. Já no que se refere às recomendações, entendemos que a produção de histórias docentes – tanto oriundas de educadores atuantes no ensino superior quanto nas demais modalidades – se faz importante para melhor interpretarmos e gerarmos mais-narrativas-outras que possam refletir os processos vividos por esses profissionais, uma vez que a presença física e a coletividade compõem o fazer docente. É, então, mediante o reconhecimento de um conhecimento provisoriamente acabado e datado que compreendemos que nossas escritas nos

possibilitaram uma profunda reflexão sobre os sentidos e significados particulares de viver o isolamento, mas atribuímos sentidos ao que vivemos coletivamente enquanto mulheres docentes que resistem à opressão histórica e fazem do seu ofício um compromisso de viver humanamente.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Princípios, 2019.

ARENDRT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 12ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**. Imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

AZEVEDO, Alessandro Augusto de. **O que a pandemia interpela a professores e professoras**. Natal: Editora feitoemcasa, 2020.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Lerkov. In: **Linguagem, tradução e literatura**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 139-166.

BRASIL, Portaria n.º 343 de 17 de março de 2020. Ministério da Educação. Diário Oficial da União, 18/03/2020. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BRUNER, Jerome. A interpretação narrativa da realidade. In: BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Trad. Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 25-38.

BURDIEL, Isabel. Historia Política y biografía: más allá de las fronteras. **Ayer**. v. 93, no 1 p. 47-83, 2014. Disponível em: <http://revistaayer.com/anteriores/307>. Acesso em: 23 maio 2020.

CATANI, Denice *et alii*. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. 4ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

ELIAS, Nobert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FLORESTA, Nísia. **Consigli a Mia Figlia**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1845.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84806302>. Acesso em: 28 maio 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: DEL PRIORI, Mary (Org). **Histórias das Mulheres no Brasil**. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2ª ed., Porto Editora: Porto, 2000. p. 11-30.

PASSEGGI, Maria da Conceição *et alii*. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em revista**. Belo Horizonte, v. 27, nº 1, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ar

[ttext&pid=S0102-46982011000100017](#). Acesso em: 28 maio 2020.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu. Clementino de.; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempo, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 41-59.

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda Carolina. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 18, p. 215-228, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/660/682>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RIBEIRO, Neurilene Martins; SOUZA, Elizeu Clementino de. As cartas e as histórias de vida: dilemas e aprendizagens da docência em língua portuguesa. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa *et alii* (orgs.). **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis, RJ: DP et Alii: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 79-96.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papi-rus, 1996. V. 1, 2, 3.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel Pedagogia do**

vírus. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida e formação. **Revista educação em questão**. V. 15, n.º 11, p. 22-39, jan./abr. 2006a. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/71291584/a-arte-de-contar-e-trocar-experiencias-reflexoes-teorico-metodologicas-sobre-his>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006b.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Por entre escritas, diários e registros de formação. In: **Presente Revista de Educação**. Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, Salvador, ano 15, n.º 57, p. 45-49, 2007a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tania Maria. (Orgs.). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007b. p. 59-74.

Recebido em: 30/01/2022

Revisado em: 30/04/2022

Aprovado em: 31/05/2022

Publicado em: 28/03/2023

Luiza Alves de Oliveira é doutora em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É professora adjunta na UFRRJ, *campus* Seropédica. É integrante do Grupo de Estudos Espaço de Saberes (Grupes). *E-mail*: luiza.aoliveira@uol.com.br

Adriana Alves Fernandes Costa é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora adjunta na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), *campus* Seropédica. É integrante do Grupo de Estudos Espaço de Saberes (Grupes). *E-mail*: profa.adriana@hotmail.com

Juaciara Barrozo Gomes é doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É professora assistente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), *campus* Seropédica. É integrante do Grupo de Estudos Espaço de Saberes (Grupes). *E-mail*: juaciabarrozo@gmail.com